

## O ensino de língua estrangeira e a questão da autonomia

Meu nome é Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva e sou professora titular na Faculdade de Letras da UFMG, mas já atuei em instituto de idiomas e nas redes particular, municipal e estadual em todos os níveis de ensino como professora de língua inglesa. Leciono inglês há 40 anos. Licenciuei-me em Letras em 1971, na PUCMG, concluí a especialização em inglês em 1976 também na PUCMG, o mestrado em inglês em 1987, na UFMG, e o doutorado em Lingüística e Filologia, em 1991, na UFRJ. Lecionei inglês e prática de ensino de inglês, durante 13 anos, na PUCMG e estou desde 1985 na UFMG.

Fui desafiada por Antonio Eliseu a refletir sobre a questão da autonomia. Vejam a questão que ele apresenta:

Meu nome é Antonio Eliseu Lemos Leal Sena. Sou licenciado em Letras e estou no curso de especialização em Inglês como Língua Estrangeira pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Trabalho com alunos de 5ª a 8ª série. Tenho 27 anos de idade, mas comecei a trabalhar desde os 21 anos com educação de jovens e adultos. Desde o começo da minha docência que muitas questões me intrigam no processo de ensino-aprendizagem da Língua Estrangeira (LE).

Uma das dúvidas, em particular, se refere ao processo de aprendizagem autônoma em língua estrangeira. Como se sabe, os PCNs não definem o termo autonomia, mas dizem que esta é uma *"capacidade a ser desenvolvida pelos alunos e como princípio didático geral, orientador das práticas pedagógicas"* (PCN;1998: 94).

Em língua estrangeira, as definições para este termo são ainda complexas. Em relação aos vários conceitos de autonomia que tenho estudado, o que considero o mais completo é o de Paiva (2005), que sugere um conceito que engloba os fatores de interferência externos e os diferentes graus de independência no processo de aprendizagem. Freire (1997) não define autonomia, mas induz à conclusão de que o papel do professor é de criar possibilidades para que o aluno produza e construa seu próprio conhecimento.

Isso significa muito para o professor de língua estrangeira. O fato é que estamos com salas superlotadas, pouca carga horária, diversas turmas para trabalhar e uma grande desmotivação quanto à Língua Inglesa por parte dos estudantes, principalmente os de ensino médio. Tanto que, a maioria deles, quando conclui o ensino médio, a língua estrangeira que escolhe para prestar o vestibular é o Espanhol (com o mito de ser esta língua estrangeira mais "fácil").

Com base no exposto e nos autores supracitados, gostaria de saber como o professor deve agir, em sala de aula, para estimular o aluno a construir seu próprio conhecimento em Língua Inglesa? Qual seria a metodologia mais adequada à realidade da escola pública para que o aluno seja estimulado a aprender e a desenvolver sua autonomia dentro e fora da sala de aula?

### Referência

- FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia*. Rio de Janeiro: paz e Terra, 1997.

Eliseu me faz duas perguntas que vou tentar responder, tendo em mente o contexto que ele me apresenta: "salas superlotadas, pouca carga horária, diversas turmas para trabalhar e uma grande desmotivação quanto à

Língua Inglesa por parte dos estudantes, principalmente os de ensino médio”.

Vou inverter a ordem das perguntas e começar pela segunda: **Qual seria a metodologia mais adequada à realidade da escola pública para que o aluno seja estimulado a aprender e a desenvolver sua autonomia dentro e fora da sala de aula?**

Em primeiro lugar é preciso que o professor saiba a língua, pois ninguém ajuda outra pessoa a aprender aquilo que ele mesmo não sabe. Satisfeita essa premissa, considero que a melhor metodologia é aquela que atende ao desejo da maioria dos alunos, digo maioria porque temos que admitir que existam alunos que não querem aprender outra língua. Se conseguirmos atender a maioria de nossos alunos, poderemos, quem sabe, até conseguir cativar os mais resistentes.

A metodologia mais adequada não impõe aos alunos essa ou aquela habilidade e não decide *a priori* o que é mais importante para seu futuro. Sempre me posicionei contra o foco exclusivo na leitura ou no ensino meramente gramatical, ou na tradução. Primeiro porque não defendo que o professor tem o direito de fazer essas escolhas passando por cima dos desejos dos alunos, segundo porque parto da premissa de que a língua deve ser ensinada em toda a sua complexidade comunicativa sem restringir seu estudo a uma tecnologia (leitura) ou a aspectos apenas formais (gramática). Defendo que a língua deve fazer sentido para o aprendiz em vez de ser apenas um conjunto de estruturas gramaticais. A esse respeito, convido os leitores a lerem meu texto “Linguagem, gênero e aprendizagem de língua inglesa”, disponível na Internet no link <http://www.veramenezes.com/ligeap.htm>.

Venho investigando a aquisição de línguas estrangeiras, utilizando um corpus de narrativas de aprendizagem onde os narradores nos contam como aprenderam ou aprendem diversas línguas. Ao ler os depoimentos dos nossos aprendizes, pude perceber que os alunos se cansam de ter o mesmo tipo de aula em torno de itens gramaticais ao longo de todo o percurso escolar. Talvez seja por isso que os alunos do ensino médio sejam os mais desmotivados, pois já perderam a esperança de ter uma aula que faça sentido para eles.

As narrativas revelam, também, que o aprendiz de uma língua estrangeira, quando motivado, usa essa língua para fazer alguma coisa fora da sala de aula: ouvir música, ouvir programas de rádio e TV, compreender falas em filmes, brincar com jogos eletrônicos, e, em alguns poucos casos, interagir com estrangeiros. Mas isso, raramente, acontece na escola. A sala de aula, geralmente, não oferece atividades de uso da língua, mas apenas exercícios sobre determinados itens gramaticais onde a língua é tratada de forma artificial ou, ainda, a tradução de textos escolhidos pelo professor e que nem sempre são de interesse do aluno. As frases soltas em exercícios do tipo “passe para a negativa ou passe para o plural” não se constituem em enunciados na vida real, como o famoso “*The book is on the table*” ou “*The cat is under the table*”.

Um bom método deveria oferecer oportunidades para o aprendiz ler textos em jornais e revistas, de preferência sobre assuntos de seu interesse, tais como esporte, cinema, música, textos literários diversos, sempre de tamanho e nível de dificuldade adequados ao conhecimento lingüístico dos alunos. Nas atividades escritas, deveriam ser utilizados gêneros diversos, tais como formulários, cartões (aniversário, dia das mães, dia dos pais), email. Quando possível, os alunos poderiam ser incentivados a participar de sessões de *chat* e listas de discussão próprias para aprendizes de línguas; enviar comentários a jornais, etc. Os alunos deveriam também ser incentivados a usar a língua oralmente em pequenos *sketches*, ou cantando, participando de jogos. Enfim, deveriam se envolver em tarefas orais, interagindo com colegas e professores e, se possível, com outros falantes. Para ajudar o aluno no desenvolvimento oral, o professor pode, como aconselham Rubin e Thompson (1994, p. 169), ensinar algumas expressões essenciais para o gerenciamento de uma conversa tais como:

- Attention getters: **Hey, Mary!**

- Politeness routines: **thank you very much, Excuse me.**
- Suggestions: **Let's...**
- Requests: **Come here! Wait a minute!**

Em salas com muitos alunos, uma boa opção é recorrer aos trabalhos em grupo e que requerem colaboração. De preferência, pode-se pensar em tarefas em que cada aluno tem um papel específico. Exemplo: escrever um guia turístico sobre sua cidade em que cada aluno ficará responsável por uma parte. A complexidade dessa atividade pode variar de acordo com o nível dos alunos. Se os alunos são iniciantes, pode-se fazer um texto onde prevalecem palavras soltas e sintagmas seguidos das informações (ex. population, altitude, main restaurants; museums, etc.). Se os alunos têm mais domínio do idioma, poderão escrever textos mais elaborados sobre sua cidade. Se já forem digitalmente letrados, poderão, após correção do professor, publicar seu texto na web em formato multimídia, ou seja incluindo imagens, hipertextos e até pequenos vídeos produzidos em câmeras de telefones celulares. Cada aluno ficaria responsável por uma parte do trabalho.

Os grupos podem ainda encenar pequenas cenas; entrevistar colegas sobre determinados temas previamente acordados entre todos; escrever um portfólio da turma com descrições pessoais; fazer uma painel de profissões com pequenas descrições, etc.

Passemos agora à segunda pergunta: **Como o professor deve agir, em sala de aula, para estimular o aluno a construir seu próprio conhecimento em Língua Inglesa?**

Eliseu me lembra que o professor tem pouca carga horária e eu gostaria de enfatizar que ninguém vai aprender uma língua estrangeira se ficar restrito às atividades de sala de aula, por melhor que elas sejam e por maior que seja o tempo previsto no currículo escolar. Logo essas horas na sala de aula precisam ser usadas de forma a despertar no aprendiz o desejo por ultrapassar os limites de tempo e espaço da sala de aula, em busca de novas experiências com a língua.

Uma idéia seria despertar a atenção de seu aluno para o inglês em sua volta. Colecione com eles tudo que eles podem encontrar em inglês: nomes de balas, chocolate, produtos de beleza, produtos de limpeza, nomes de remédio, nomes de comida, marcas de roupas, etc. Faça um glossário com eles por campo semântico. Muitas vezes as palavras estão tão naturalizadas em nossa cultura que até nós professores esquecemos que elas fazem parte do léxico da língua inglesa. Ex. sabonete *Dove*, creme *rinse*; *cheeseburger*, etc.

O professor não é responsável pela aprendizagem do aluno, mas pode ajudá-lo a ser mais autônomo. Os depoimentos dos aprendizes bem sucedidos, em nossas narrativas de aprendizagem, revelam que eles se envolvem com a língua fora da sala de aula e alguns contam que receberam estímulo de seus professores para essas ações.

Eliseu me lembra também que o professor é responsável por diversas turmas. Eu o convido a experimentar dividir essa responsabilidade com os próprios alunos. Que tal deixar, por exemplo, que os alunos escolham os temas que querem ler dentro de uma lista de opções que o professor pode oferecer? Eles mesmos podem escolher as músicas que querem ouvir na sala de aula, podem colecionar as letras e até mesmo emprestar o cd para as atividades em sala de aula. Podem também ajudar na preparação das atividades. Vejamos dois exemplos apenas: (1) apagar algumas palavras que o colega deve completar ao escutar a música. Você não tem recurso para fazer cópias do exercício? Escreva, com a ajuda dos alunos, a letra no quadro sem as palavras. Não tem gravador? Peça que o grupo responsável pela escolha da música cante a música. (2) Ofereça aos alunos os versos fora de ordem para ordenarem enquanto ouvem a música.

Mudando as relações de poder, você poderá contribuir para atitudes mais autônomas de seus alunos.

Envolva seus alunos nas decisões, dê a eles opções de escolha de material e de atividades, transforme-os em seus colaboradores e você estará não apenas ensinando outra língua, mas educando-os para uma participação na sociedade mais democrática e mais colaborativa.

Quem tem muitas turmas precisa se organizar ao longo da carreira, colecionando bons materiais que podem ser reutilizados. Uma campanha junto à comunidade pode ajudar a escola a adquirir equipamentos, vídeos, cds e material bibliográfico. Os alunos precisam ser incentivados a ouvir música, assistir filmes, e ler muito fora da sala de aula.

Nós professores, geralmente, nos sentimos ameaçados quando somos tratados pelos alunos como dicionários ambulantes. Que tal levar alguns dicionários para a sala de aula e incentivar os alunos a usá-los em vez de nos fazer de dicionários? As descobertas podem ser compartilhadas com os colegas e uma lista de novas palavras pode ser, aos poucos, construída pelos próprios alunos.

A sala de aula pode ser transformada em um ambiente que estimule o uso da língua. Uma idéia são os cartazes feitos pelos próprios alunos e espalhados pelas paredes com frases que representam o discurso da sala de aula e que funcionam como apoio para se usar a língua na sala de aula. Alguns exemplos são: Good morning. Good evening. Can you repeat, please? How do I say .....in English? What does ..... mean? I did not understand. How do you spell....? Have a good weekend. Muitas outras frases podem ser construídas com a colaboração dos próprios alunos.

Outra iniciativa é tentar montar um Centro de Auto-Acesso com material de referência e equipamentos (gravadores, Cd e DVD players, computadores, TV, etc.). Se isso lhe parece muito longe de sua realidade, Sheerin (1999) sugere adaptações de Centros de Auto-Acesso, como um *Self-Access Trolley* (um carrinho de supermercado) ou uma *Self-Access Box*, ou coleções de caixas com materiais tais como jogos e textos para leitura; CDS e letras de música com os versos fora do lugar para o aluno ordenar enquanto escuta; caça-palavras e palavras cruzadas com chaves de respostas que podem ser entregues após o término da tarefa. O material de leitura pode incluir livrinhos para crianças e adolescentes ou textos interessantes (mini-contos, piadas, etc.) plastificados para serem re-usados. Escreva para as embaixadas e empresas estrangeiras e peça ajuda para seu *Self-Access Trolley* ou sua *Self-Access Box*. Nomeie um secretário em cada turma para fazer o controle do empréstimo desse material.

Peça ajuda também aos cursos de idioma de sua cidade. Faça um projeto de ensino para a secretaria de educação, solicitando apoio para a compra do material; peça ajuda de empresários e, em pouco tempo, você terá uma boa coleção de material. Principalmente, peça ajuda aos seus alunos. Os que têm acesso à Internet poderão contribuir com bons materiais e os que tiverem maior dificuldade econômica podem contribuir com boas idéias.

Proponha um projeto colaborativo com seus colegas de profissão ou abra sua sala para estagiários que poderão te ajudar. Lembre-se que as Faculdades de Letras estão em busca de espaço para seus alunos estagiarem. Sua escola pode desenvolver projetos com a a(s) faculdae(s), envolvendo os estagiários em ações pedagógicas dentro e fora da sala de aula que promovam a autonomia dos alunos do ensino básico. Monte, por exemplo, roteiros de leitura autônoma, exercícios para serem feitos enquanto se houve uma música com chave de resposta, etc. Se quiser ver algumas sugestões desse tipo de exercício, visite o link <http://www.veramenezes.com/pattern.htm>. Os alunos poderão discutir as respostas entre eles. O importante não é ter respostas certa ou erradas, mas colocar o aprendiz em contato com o idioma. Você pode gastar muito tempo no começo da montagem de atividades que estimulam a autonomia, mas, poderá obter resultados muito animadores. Se você quer que seu aluno seja autônomo, além de incentivá-lo a usar a língua fora da sala de aula, dê a ele opções. Deixe que ele escolha, por exemplo, atividades diversas em um *menu* de opções que você vai colecionar ao longo dos anos.

Incentive-os a convidarem falantes da língua que estudam para visitar sua sala e elabore com eles um roteiro de entrevista para que diversos alunos possam participar da interação com esse falante. Funcione como intérprete e se eles não conseguirem entender tudo. Mesmo que tenham dificuldade de compreensão, pelo menos, estarão ouvindo a língua e se sentirão emancipados por terem sido co-constructores de uma atividade em sala de aula.

Leve música para a sala de aula, muita música, deixe-os cantar. Leve filmes com legenda em inglês. Desafie-os a escolher pequenas cenas para serem encenadas. Você pode encontrar os scripts de muitos filmes em <http://www.imsdb.com/> e selecionar cenas para trabalhar em sala de aula. Cada grupo pode encenar a mesma cena e competir para a escolha dos melhores atores ou cenas diferentes. Há muitos alunos na sala de aula? Repita as falas com toda a turma, revejam as cenas em vídeo ou em DVD. Depois deixe os grupos trabalharem sozinhos e circule pela sala auxiliando no que for preciso.

Essas sugestões são apenas algumas possibilidades. Converse com seus colegas, certamente, vocês juntos chegarão a muitas idéias interessantes.

De uma coisa eu tenho certeza. Ninguém vai se sentir motivado se ano após ano ficar memorizando regras gramaticais e fazendo os mesmos exercícios cansativos e sem sentido. Arrisco-me a dizer que os alunos se beneficiariam muito mais se, ano após ano, cantassem as músicas de sua preferência e interpretassem suas letras ou até mesmo tentassem traduzi-las.

Esqueça os programas baseados em itens gramaticais, deixe que os alunos vivenciem a língua e se sintam estimulados a procurar outras experiências de forma autônoma. Dessa forma, a aquisição acontecerá naturalmente.

#### Referências bibliográficas:

PAIVA, V.L.M.O. Linguagem, gênero e aprendizagem de língua inglesa” (no prelo), disponível em <http://www.veramenezes.com/ligeap.htm>.

RUBIN, Joan; THOMPSON, Irene. *How to be a more successful language learning*. Boston, Massachusetts: Heinle & Heinle, 1994.

SHEERIN, Susan. *Self-Access*. Oxford: Oxford University Press, 1999.